A IMPORTÂNCIA DA ADAPTAÇÃO NO COTIDIANO DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

SHIRLEY DOMICIANO MARQUES DIAS

RESUMO
O ingresso da criança nos Centros de Educação Infantil (CEIs) representa uma das primeiras grandes transições em sua vida social e emocional, sendo o período de adaptação essencial para que ela se sinta acolhida, segura e preparada para participar do novo ambiente com tranquilidade e interesse. Esse processo não é padronizado, pois cada criança apresenta seu próprio tempo, experiências prévias e formas particulares de reagir às mudanças, exigindo que os CEIs desenvolvam estratégias pedagógicas que respeitem essas individualidades, promovendo um ambiente afetivo, estável e com rotinas seguras. A atuação sensível e acolhedora dos profissionais da educação infantil é determinante, pois educadores preparados conseguem estabelecer vínculos positivos que fortalecem a confança e o bem-estar no ambiente escolar. Além disso, a parceria com as famílias é indispensável, já que quando os responsáveis são orientados e envolvidos, a criança tende a se sentir mais segura, favorecendo uma adaptação gradual e saudável. Este artigo discute os principais aspectos que envolvem o processo de adaptação no cotidiano dos CEIs, ressaltando sua relevância para o desenvolvimento integral da criança e destacando a importância de um ambiente planejado, afetuoso e estruturado, construído por meio da colaboração entre educadores e famílias, que favoreça uma experiência educativa rica, respeitosa e humanizada desde os primeiros anos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação escolar; Educação infantil; Centros de Educação Infantil (CEIs); Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT:
The adaptation period is a crucial phase in a child's entry into Early Childhood Education Centers (CEIs), as it helps them feel safe, welcomed, and ready to explore a new environment. Each child adapts in their own time, requiring educators to be attentive, empathetic, and flexible. Affective bonds, family involvement, and a stable routine are key to a successful transition. This article highlights the importance of adaptation in CEIs, emphasizing the roles of both educators and families in creating a nurturing and respectful space that supports children's emotional, social, and cognitive development from an early age.

KEY-WORDS: School adaptation; Early childhood education; Child development; Emotional bonding; Welcoming environment; Educational routine;

INTRODUÇÃO

O ingresso da criança nos Centros de Educação Infantil (CEIs) marca o início de um importante percurso educativo e social, sendo uma das primeiras experiências de convivência sistematizada fora do ambiente familiar. Trata-se de um momento de profundas transformações emocionais, comportamentais e relacionais, tanto para a criança quanto para sua família. A separação inicial do cuidador principal, a inserção em um novo espaço físico, a presença de figuras adultas diferentes e a convivência com outras crianças exigem da criança um esforço significativo de adaptação. Diante dessa realidade, torna-se imprescindível que os profissionais da educação e os responsáveis compreendam a adaptação como um processo gradual, contínuo e fundamental para o desenvolvimento integral na primeira infância.

No contexto da educação infantil, a adaptação vai muito além de um simples período de transição. Trata-se de uma fase de construção de vínculos afetivos, de reconhecimento do espaço como seguro e acolhedor, e de início de relações sociais que influenciarão diretamente o bem-estar e o desempenho futuro da criança no ambiente escolar. Essa etapa deve ser cuidadosamente planejada e acompanhada, levando em consideração as especificidades de cada criança — como sua idade, nível de desenvolvimento, personalidade, histórico familiar e experiências anteriores de socialização. Cada criança é única e, por isso, reage de forma distinta às mudanças e às novas vivências. Algumas demonstram maior autonomia e facilidade de interação;

outras necessitam de mais tempo, acolhimento e suporte emocional.
Nesse sentido, o papel do educador é essencial. Ele deve atuar como mediador entre o novo ambiente e a criança, utilizando práticas pedagógicas pautadas na empatia, na escuta ativa, no respeito ao tempo individual e na criação de rotinas estáveis e previsíveis, que ofereçam segurança emocional. A forma como o profissional acolhe a criança, interpreta seus sinais e interage com ela pode ser determinante para que o processo de adaptação seja tranquilo e positivo ou, ao contrário, fonte de ansiedade, resistência e sofrimento. Mais do que aplicar técnicas, é necessário que o educador esteja verdadeiramente sensível às emoções envolvidas e preparado para lidar com os desafios que surgem nesse período.
Além dos educadores, as famílias também ocupam um lugar central nesse processo. A forma como os pais ou responsáveis vivenciam essa separação, as mensagens que transmitem verbal ou não verbalmente à criança, e o nível de confança que demonstram em relação à instituição influenciam diretamente na forma como a criança responde à nova experiência. Por isso, é essencial que haja uma parceria sólida entre escola e família
baseada no diálogo aberto, no respeito mútuo e na troca constante de informações sobre o comportamento e as necessidades da criança. Quando essa colaboração acontece de maneira eficaz, cria-se uma rede de apoio que fortalece a criança e torna o processo de adaptação mais saudável.
A estrutura física e organizacional dos CEIs também desempenha papel importante. Ambientes planejados para estimular a curiosidade, a autonomia e a interação, aliados a rotinas flexíveis e espaços que favoreçam o brincar, contribuem para que a criança se sinta mais à vontade e motivada a explorar. É preciso considerar ainda a importância do brincar como linguagem principal da infância e como uma ferramenta fundamental para a adaptação, permitindo que a criança elabore suas emoções, interaja com os colegas e compreenda o funcionamento do novo espaço.
Neste artigo, propõe-se refetir sobre os diversos aspectos envolvidos no processo de adaptação no cotidiano dos Centros de Educação Infantil, considerando-o como um elemento estruturante da qualidade do atendimento prestado. Abordam-se os desafos enfrentados pelas crianças, pelos educadores e pelas famílias nesse período, bem como estratégias que podem ser adotadas para torná-lo mais efetivo, acolhedor e humanizado. Compreender a adaptação como um direito da criança e como parte integrante de uma educação infantil comprometida com o bem-estar e o desenvolvimento integral é reconhecer a importância de um olhar atento e cuidadoso desde os primeiros contatos com a escola.

ADAPTAÇÃO COMO PROCESSO E NÃO COMO ETAPA PONTUAL

Muitas instituições de Educação Infantil ainda compreendem a adaptação como um momento breve e pré-determinado, geralmente limitado aos primeiros dias ou semanas do ano letivo. Essa visão simplifcada ignora a complexidade do processo de adaptação e os inúmeros fatores que o influenciam. Adaptar-se não é apenas frequentar o espaço escolar diariamente, mas sim desenvolver laços afetivos com os educadores, reconhecer e aceitar as novas rotinas, sentir-se pertencente ao grupo e, principalmente, construir segurança emocional para explorar e interagir com o ambiente. Por isso, é essencial compreender a adaptação como um processo contínuo, subjetivo e relacional, que acontece ao longo do tempo e de forma única para cada criança.
A criança, ao chegar ao CEI, encontra-se em um momento de grande vulnerabilidade. Ela está diante de um mundo novo, repleto de estímulos desconhecidos, e precisa aprender a lidar com novas regras, com outras crianças, com fguras adultas diferentes e com a ausência dos familiares com quem está acostumada a conviver.
Todas essas mudanças podem gerar sentimentos de medo, ansiedade, insegurança ou até mesmo resistência. Diante disso, o tempo necessário para que a criança se sinta confortável nesse novo contexto não pode ser determinado com base em prazos fxos ou expectativas padronizadas. É preciso respeitar o tempo interno de cada criança, observando

seus sinais e oferecendo acolhimento constante.

Além disso, o processo de adaptação não ocorre de maneira linear. A criança pode apresentar avanços em um dia e retrocessos em outro, o que é absolutamente natural. Uma criança que inicialmente se mostra tranquila pode, após alguns dias, começar a chorar ou resistir ao ir para a escola. Isso pode ocorrer porque, no início, ela ainda não compreendia completamente a separação dos pais ou porque só aos poucos passou a sentir a ausência mais intensamente. Por isso, é essencial que os educadores estejam atentos às manifestações emocionais das crianças ao longo das semanas e até dos meses seguintes, mantendo-se disponíveis para oferecer apoio sempre que necessário.

Outro ponto importante é que a adaptação não se limita apenas ao primeiro contato com a escola. Mudanças de turma, troca de educadores, reestruturação de espaços ou mesmo mudanças na vida familiar — como o nascimento de um irmão ou a separação dos pais — podem demandar novas fases de readaptação, mesmo após meses ou anos de convivência na instituição. Assim, o olhar atento e empático dos profissionais deve permanecer ao longo de toda a trajetória da criança no CEI.

Portanto, reconhecer a adaptação como um processo contínuo significa não apenas respeitar os tempos e as individualidades das crianças, mas também repensar práticas institucionais. Isso envolve flexibilidade na rotina nos primeiros dias, escuta sensível das famílias, formação dos profissionais sobre desenvolvimento infantil e um planejamento pedagógico que priorize o acolhimento e a construção de vínculos desde o início. A escola precisa ser um espaço onde a criança não apenas “esteja”, mas onde ela verdadeiramente se sinta pertencente, valorizada e segura.

O PAPEL DO EDUCADOR NO ACOLHIMENTO DA CRIANÇA

O educador da Educação Infantil ocupa um lugar central no processo de adaptação da criança ao ambiente escolar. Ele é responsável por criar vínculos, proporcionar segurança e garantir um espaço afetivo e confável para que a criança possa se desenvolver. Como destaca Kramer (2007), “o acolhimento é a base para a constituição de um sujeito ativo, capaz de se relacionar com o outro e com o mundo de forma signifcativa”. Essa relação inicial influencia diretamente a forma como a criança percebe o ambiente escolar e como se sente nele.

Nos primeiros dias, é comum que a criança manifeste sentimentos como medo, ansiedade e insegurança diante da separação dos pais e da entrada em um ambiente novo. O papel do educador, portanto, é acolher esses sentimentos e respondê-los com empatia e escuta atenta. De acordo com Barbosa e Horn (2008), “o educador deve estar sensível às necessidades emocionais da criança, respeitando seus tempos e garantindo a continuidade de seus vínculos afetivos”. Por exemplo, quando uma criança chora ao se despedir da mãe, o educador pode acolher esse momento dizendo: "Eu sei que está com saudade, e está tudo bem sentir isso. Vamos brincar juntos enquanto esperamos o momento de ir para casa." Essa escuta validada e afetiva fortalece a confança da criança no adulto e no novo ambiente.

Além do acolhimento individual, o educador tem o importante papel de promover um clima coletivo favorável à convivência e à socialização. Para isso, é necessário mediar interações, ajudar na resolução de confitos e garantir que todos sejam respeitados. Como aponta Oliveira (2010), “a atuação do educador deve garantir que a criança se sinta pertencente ao grupo, compreendida e valorizada em sua singularidade”. Isso implica, por exemplo, respeitar a criança que prefere observar antes de participar de uma atividade, dando-lhe tempo para se sentir segura, sem pressão ou julgamentos.

É também por meio das rotinas que o educador transmite segurança. Atividades como o lanche, o descanso e a roda de conversa, quando realizadas com afeto, previsibilidade e atenção individualizada, reforçam o sentimento de estabilidade e cuidado. Em situações como o momento de dormir, o simples gesto de sentar ao lado da criança, cantar uma canção suave ou oferecer um objeto de transição pode ser fundamental. Como afrma Lino de Macedo (2005), “é no cuidado cotidiano, repleto de pequenas repetições e rituais, que se estabelecem os vínculos e se constrói o sentimento de confança nas relações”.

O educador também deve agir como um elo entre a escola e a família, favorecendo a construção de uma parceria baseada no diálogo e na confiança. Muitas famílias vivem a adaptação com ansiedade, e o apoio do profissional é essencial para que esse processo ocorra de forma tranquila. Compartilhar com os responsáveis as conquistas e dificuldades da criança, escutá-los sem julgamentos e propor estratégias conjuntas fortalece esse vínculo. Para Bondioli e Mantovani (2001), "a qualidade da relação entre educadores e famílias repercute diretamente na forma como a criança vivencia sua experiência no CEI".
Por fim, é importante ressaltar que, para acolher bem, o educador também precisa ser acolhido. O suporte institucional — como formação continuada, supervisão e escuta por parte da equipe gestora — é essencial para que o profissional possa exercer seu papel com sensibilidade e equilíbrio. Como lembra Bujes (2001), "quem educa também precisa ser cuidado, pois o cuidado é condição para o educar".

Portanto, o papel do educador no processo de adaptação é complexo, profundo e essencial. Ele é o principal agente de mediação entre a criança e o novo mundo que se apresenta, e é por meio de suas ações cotidianas, baseadas na escuta, no afeto e no respeito, que a criança pode construir uma relação positiva com a escola e consigo mesma.

O IMPACTO DA ADAPTAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA
A adaptação da criança à educação infantil não é um processo apenas emocional ou circunstancial: ela influencia diretamente todas as dimensões do seu desenvolvimento — físico, cognitivo, social e afetivo. Um acolhimento bem conduzido desde os primeiros contatos com o CEI (Centro de Educação Infantil) proporciona à criança um ambiente seguro para explorar, aprender e estabelecer vínculos significativos. Segundo Oliveira (2012), "a forma como se dá o início da experiência escolar pode marcar profundamente a construção da imagem que a criança fará de si, do outro e do próprio processo de aprendizagem".
No campo do desenvolvimento emocional e afetivo, o processo de adaptação possibilita à criança construir gradualmente um sentimento de segurança e confiança. Quando ela percebe que suas necessidades são acolhidas com sensibilidade, sente-se livre para se expressar e construir vínculos saudáveis com adultos e colegas. Isso fortalece sua autoestima, sua autonomia e sua capacidade de lidar com frustrações e desafios cotidianos. Situações como o acolhimento no colo durante um momento de choro, a escuta atenta do educador, ou até mesmo a valorização de uma conquista simples — como guardar os brinquedos sozinha — reforçam esse sentimento de pertencimento e valorização.
No aspecto social, o processo de adaptação também é decisivo. A entrada na escola é, para muitas crianças, a primeira experiência significativa em grupo fora do núcleo familiar. Neste novo espaço, ela aprende a compartilhar, esperar sua vez, cooperar, negociar conflitos e respeitar regras coletivas. Tudo isso, porém, só ocorre com qualidade se a criança se sentir segura e amparada. Como ressalta Barbosa (2006), "a criança pequena precisa sentir que pertence ao grupo, que é esperada e acolhida nele, e que sua presença faz sentido para os outros". O período de adaptação, então, é um tempo de construção de identidade social.
No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, é importante destacar que a criança só consegue se engajar em aprendizagens significativas quando está emocionalmente disponível. Se ela estiver insegura, ansiosa ou desamparada, sua atenção e curiosidade natural são bloqueadas. Uma adaptação acolhedora permite que ela se envolva com o ambiente, os materiais e as propostas pedagógicas com liberdade e interesse. Brincar, explorar, ouvir histórias, interagir com o espaço e com os colegas tornam-se ações
espontâneas e prazerosas — elementos essenciais para o desenvolvimento da linguagem, da percepção, do raciocínio lógico e da criatividade.
Do ponto de vista físico e motor, a adaptação também contribui para a apropriação do corpo e do espaço. Conforme a criança se sente mais confiante no ambiente, ela começa a se movimentar com mais liberdade, testar seus limites, explorar brinquedos e materiais com o corpo, além de desenvolver habilidades

motoras finas e grossas. Um ambiente físico que estimule o movimento livre e a autonomia — aliado ao suporte afetivo do educador — favorece muito essa dimensão.
O impacto da adaptação também pode ser observado no desenvolvimento da linguagem. No espaço escolar, a criança amplia suas formas de comunicação, experimenta novos vocabulários, aprende a escutar e a ser escutada, e percebe que a linguagem pode ser usada para expressar sentimentos, resolver problemas e construir relações. Porém, essa construção só acontece plenamente se o ambiente for seguro, respeitoso e afetivo. Como afirma Vygotsky (2000), o desenvolvimento da linguagem se dá nas interações sociais mediadas — e o educador, nesse sentido, é um mediador fundamental.
Dessa forma, fica evidente que a adaptação escolar, quando conduzida com planejamento, empatia e intencionalidade pedagógica, impacta de forma profunda e positiva o desenvolvimento integral da criança. Ela não é apenas uma fase inicial a ser "superada", mas um processo formativo que influencia todas as aprendizagens futuras. Valorizar esse momento é, portanto, um compromisso ético e pedagógico com o bem-estar e a formação das crianças pequenas.

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DURANTE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

O processo de adaptação nos Centros de Educação Infantil é um momento sensível e desafador, tanto para as crianças quanto para suas famílias e os profissionais da instituição. Cada criança responde de forma singular a esse momento, pois traz consigo histórias, vínculos, rotinas e modos próprios de se relacionar com o mundo. Compreender essa diversidade é essencial para lidar com os desafos que surgem nesse período.
Entre os principais desafos enfrentados, destaca-se a separação da figura de apego principal — geralmente os pais ou responsáveis. Muitas crianças manifestam reações como choro persistente, recusa em participar das atividades, agressividade ou retraimento. Esses comportamentos não devem ser vistos como problemas, mas sim como expressões legítimas da dificuldade de lidar com uma mudança significativa. Como afirma Winnicott (1983), "o acolhimento das emoções da criança é fundamental para que ela se sinta segura o suficiente para explorar o mundo".
Outro desafo importante é a ansiedade dos familiares. Muitos pais, especialmente em

sua primeira experiência com a escola, vivenciam sentimentos ambíguos, como culpa, medo ou desconfança, o que pode influenciar a criança negativamente. Quando a família não está segura, a criança tende a perceber essa insegurança e refetir isso em seu comportamento. Por isso, é fundamental que a instituição se posicione como parceira, acolhendo também os sentimentos dos pais e oferecendo escuta e orientação.
Do ponto de vista institucional, um desafo frequente é a ausência de planejamento específco para o período de adaptação. Em muitos casos, a rotina é iniciada de forma rígida e imediata, sem considerar o tempo de transição necessário para cada criança. Além disso, salas superlotadas ou falta de profssionais capacitados podem difcultar um acompanhamento mais individualizado, comprometendo a qualidade do acolhimento.
Diante desses desafos, é necessário adotar estratégias sensíveis e fexíveis, que respeitem o tempo e a singularidade de cada criança. Uma das mais efcazes é a adaptação gradual, que permite a permanência inicial dos responsáveis junto à criança, reduzindo o tempo de permanência na escola nas primeiras semanas e aumentando-o progressivamente, conforme a criança demonstra mais segurança. Essa estratégia deve ser combinada com observação atenta por parte dos educadores, que identifcarão sinais de conforto ou desconforto e ajustarão a rotina conforme necessário.
A criação de rituais de chegada também se mostra efcaz: pequenas ações repetidas, como cantar uma música de boas-vindas ou escolher um brinquedo especial ao chegar, ajudam a criança a prever o que acontecerá e a se sentir acolhida. Esses rituais contribuem para a construção de vínculos com o espaço, os colegas e os adultos de referência.
Além disso, é essencial que os profssionais estejam preparados emocionalmente para lidar com as reações infantis, sem julgamentos. O apoio institucional, por

meio de formação continuada e espaços de escuta para os educadores, é uma estratégia valiosa. Como apontam Barbosa e Horn (2008), “cuidar de quem cuida é condição indispensável para um acolhimento de qualidade”.
O uso de registros pedagógicos e comunicações diárias com a família — por meio de cadernos de recado, fotos, bilhetes ou conversas presenciais — fortalece a confança e torna o processo mais transparente. Quando os pais percebem que seus flhos estão sendo vistos, ouvidos e respeitados, tendem a se sentir mais tranquilos, o que contribui para a adaptação da criança.
Por fm, é importante destacar que não existe um modelo único de adaptação. O essencial é que a instituição atue com escuta, fexibilidade e sensibilidade, promovendo um ambiente afetivo que respeite os tempos da infância. A adaptação é, acima de tudo, uma construção coletiva, que envolve escuta, afeto e parceria entre todos os envolvidos no processo educativo.

CONCLUSÃO

A adaptação da criança aos Centros de Educação Infantil é um processo essencial, que impacta profundamente não apenas a forma como ela se relaciona com o ambiente escolar, mas também seu desenvolvimento afetivo, social, cognitivo e físico. Ao longo deste trabalho, evidenciou-se que a entrada da criança na instituição de ensino não deve ser tratada como um evento isolado ou meramente organizacional, mas sim como uma etapa delicada e rica em signifcados, que exige planejamento intencional, empatia e sensibilidade por parte dos educadores, famílias e gestores.
A primeira infância é uma fase marcada pela construção de vínculos, pela exploração do mundo e pela formação da identidade. Nesse contexto, o processo de adaptação se revela como um momento de grande importância, pois é nesse período que a criança precisa sentir-se acolhida, segura e respeitada em suas necessidades e particularidades. Quando isso acontece, ela consegue se envolver com mais naturalidade nas atividades propostas, explorar o ambiente com curiosidade e iniciar relações signifcativas com os colegas e com os adultos de referência. Como destacaram autores como Barbosa e Horn (2008) e Winnicott (1983), o acolhimento afetuoso, a estabilidade emocional e a escuta atenta são elementos fundamentais para a construção de um vínculo positivo entre a criança e a escola.
Entretanto, o caminho da adaptação também apresenta desafos importantes. A separação das fguras familiares, a ansiedade dos responsáveis, as reações emocionais intensas da criança e as limitações estruturais das instituições são aspectos que exigem estratégias bem elaboradas e humanizadas. A adaptação gradual, a construção de rotinas acolhedoras, a presença dos responsáveis nos primeiros dias e o uso de rituais que tragam previsibilidade são estratégias que contribuem para suavizar esse momento e fortalecem o sentimento de pertencimento da criança. Tais estratégias, quando aliadas a uma formação sensível e refexiva dos profssionais, podem transformar esse período inicial em uma experiência enriquecedora para todos os envolvidos.
Além disso, a parceria com a família mostra-se indispensável. O diálogo constante, o compartilhamento de informações, a escuta das preocupações dos pais e a construção de uma relação de confança entre a instituição e os responsáveis são aspectos que impactam diretamente o sucesso da adaptação. Quando a família se sente segura, acolhida e parte do processo educativo, ela transmite à criança essa tranquilidade, favorecendo uma transição mais serena. A colaboração entre os diferentes agentes educativos é, portanto, uma via de mão dupla, em que todos aprendem, constroem e contribuem para o bem-estar infantil.
Conclui-se, portanto, que a adaptação escolar é um processo contínuo, que deve ser compreendido como parte integrante do cotidiano da Educação Infantil. É uma etapa que exige presença, sensibilidade e respeito ao tempo de cada criança, sendo uma oportunidade ímpar de fortalecer vínculos, promover segurança emocional e preparar o terreno para experiências signifcativas de aprendizagem e convivência. Valorizar e qualifcar esse momento é um compromisso ético e pedagógico com os direitos da criança e com a construção de uma escola verdadeiramente acolhedora, inclusiva e

humanizada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Acolhimento e educação: desafios da entrada na creche. In: BARBOSA, M. C. S. (Org.). Primeiras palavras: textos para pensar a Educação Infantil. Porto Alegre: Penso, 2010.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria das Graças. Organização do tempo e do espaço na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENJAMIN, Walter. Infância: ensaios. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 04 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CORREA, Ana Maria et al. Acolhimento na educação infantil: práticas e reflexões. Curitiba: Appris, 2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Pioneira, 1999.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia; ARTES, Amélia. Família e escola: uma parceria possível?. São Paulo: Moderna, 2003.

SILVA, Maria Lúcia da; GODOY, Andreia de Oliveira. Processos de adaptação escolar: acolher, escutar e cuidar. Campinas: Papirus, 2019.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1983